

O ELOGIO DO POETA

Rogério Lima

Universidade de Brasília (UnB)

Professor Doutor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL)

rlima@unb.br

Em “*Chanson des petits esclaves*” e “Trucidaram o rio” aparece pela primeira vez em minha poesia a emoção social. Ela reaparecerá mais tarde em “O Martelo” e “Testamento” (...), em “No vosso e em meu coração”, e na “Lira do Brigadeiro”(…). Não se deve julgar por essas poucas e breves notas a minha participação, mas sei, de ciência certa, que sou um poeta menor. Em tais paragens só respira à vontade entre nós, atualmente, o poeta que escreveu o Sentimento do Mundo e a Rosa do Povo. Em seu livro de memórias *Itinerário de Pasárgada*, publicado em 1954, Manuel Bandeira declara mais uma vez o seu reconhecimento pela poesia de Carlos Drummond de Andrade. Declarou também no poema *Carlos Drummond de Andrade* publicado em *Máfua de Malungo*:

O sentimento do mundo
É amargo, ó meu poeta irmão!
Se eu me chamasse Raimundo!...
Não, não era solução.
Para dizer a verdade,
O nome que invejo a fundo
É Carlos Drummond de Andrade
(BANDEIRA, 2003, p. 313)

Bandeira saudou e homenageou Drummond diversas vezes ao longo da sua vida literária. Em sua crônica intitulada “Um poeta mineiro de rara sensibilidade”, publicada em *A Província*, em 25 de maio de 1930, externa a sua dúvida sobre o conhecimento do nome de Drummond fora dos círculos modernistas e do eixo Belo Horizonte–Rio de Janeiro–São Paulo, a propósito do lançamento do primeiro livro de Drummond, *Alguma Poesia*:

Não sei se o nome de Carlos Drummond de Andrade é conhecido em Pernambuco fora do pequeno círculo de pessoas que se interessam pela poesia modernista. Quero acreditar que não. Sem livro até agora, seu nome não aparecera senão nas revistinhas efêmeras de vanguarda, que não chegam ao conhecimento do grande público. Aos pernambucanos que se tenham interessado pelo número mineiro do *O Jornal* por causa dos admiráveis desenhos do meu xará, não terá escapado o belo poema de Carlos Drummond de Andrade inspirado na tradicional romaria de Congonhas do Campo¹. (BANDEIRA, 2008, p. 290)

Em sua crônica Bandeira dispensa a Drummond a mesma generosidade e gentileza que dispensou a Ribeiro Couto e a Mario de Andrade e que, por sua vez, recebeu do poeta Castro Menezes. A generosidade de Bandeira é ressaltada pelo poeta Ivan Junqueira em seu *Perfil do irmão pequeno*, na introdução de *Manuel Bandeira: testamento de pasárgada*, organizado por ele em 2003.

Bandeira dedica àquele que passou a tratar como “poeta maior” a admiração que encontramos em D. H. Lawrence quando este escreve sobre o poeta norte-americano Walt Whitman, admiração essa registrada pelo crítico literário, também norte-americano, Harold Bloom:

Whitman, o grande poeta, significou muito para mim. Whitman, o único homem abrindo caminho à frente. Whitman, o único pioneiro. E só Whitman. Nenhum pioneiro inglês, nem francês. Nenhum pioneiro-poeta europeu. Na Europa, os que seriam pioneiros são meros inovadores. O mesmo se dá na América. À frente de Whitman, nada. À frente de todos os poetas, pioneiro no agreste de vida não aberta, Whitman. Além dele, ninguém. (BLOMM, 1995, p. 281)

Bandeira diz sobre Drummond em sua crônica:

¹ Trata-se do poema “Romaria” (do livro *Alguma poesia*), publicado em 24 de junho de 1929, no número especial sobre Minas Gerais de *O Jornal*.

Agora o poeta comparece em livro. E esse livro nos revela, logo ao primeiro exame, um dos mais puros e belos da nossa poesia. Não pode haver dúvida: Carlos Drummond de Andrade é um dos grandes poetas do Brasil. Grande pelo fundo de sensibilidade e lirismo como grande pela técnica impecável de seus poemas. Aliás esses dois aspectos são inseparáveis nos versos de *Alguma Poesia* (assim se intitula o seu livro). Em Carlos Drummond de Andrade a perfeição técnica não resulta, como em Guilherme de Almeida, do gosto e do trabalho do artista, mas da fidelidade do poeta ao movimento lírico da sensibilidade. Daí a frescura desse lirismo que sabe à fruta comida ao pé da árvore. (BANDEIRA, 2008, p. 290/291)

Drummond não poderia desejar recepção melhor para o seu primeiro livro vinda daquele a quem viria “substituir” em importância no cenário da poesia brasileira na década de 1960. Bandeira captara logo de saída a importância da poesia e do temperamento drummondiano:

Na expressão esse poeta é sempre simples, natural, cotidiano. Vê-se como ele vive, meio amolado com aquele anjo torto que lhe disse quando ele nasceu “Carlos vai ser goche na vida”. Fala pouco e não diz, pelo menos intencionalmente, nada que possa parecer sublime. Antes tem ele um senso de humor sempre vigilante e pronto a cortar as asas a tudo que possa indicar uma atitude menos desabusada. (BANDEIRA, 2008, p. 291)

Bandeira identificou em Drummond o poeta avesso ao lirismo fácil e de ocasião, aquele que recusava a poesia encomiástica:

Carlos Drummond de Andrade aborrece as “atitudes inefáveis”, “os inexprimíveis delíquios”, os êxtases, espasmos, beatitudes”, tão do gosto daquele sujeito gozado da “Fuga”: “Povo feio, moreno, bruto”, diz o tal. “Vou perder-me nas orgias/do pensamento Greco-latino”. Vai para a Europa. (BANDEIRA, 2008, p. 292)

Para Bandeira “O lirismo é uma coisa perigosa. Faz a gente dizer bestidades, extravagâncias, sentimentalidades. O pior são os lugares-comuns (...). Com o senhor Carlos Drummond de Andrade não se corre nunca esse risco.” (BANDEIRA, 2008, p. 292). Na crônica “Carlos Drummond de Andrade”, Bandeira ressalta as qualidades humorísticas de Drummond que ele identifica em *Alguma poesia*:

Poeta municipal (vide “Cidadezinha qualquer”, “Itabira”, “Igreja”, poeta estadual (“Sesta”), poeta federal (“Explicação”), poeta universal (“Quadrilha”, “Balada do amor através das idades”), Carlos Drummond de Andrade é tudo isso com me parecer o primeiro poeta tipicamente mineiro e o primeiro grande humorista da nossa poesia. Humorismo no grande sentido, que é o de Heine e Laforgue. (BANDEIRA, 2008, p.123/124)

Segundo Bandeira, o *humour* de Drummond é uma conjunção rara de mineiridade, sensibilidade e dom poético:

(...) começar uma estrofe de poema com uma apóstrofe sublime: “Mundo, mundo, vasto mundo”, e continuar nos versos seguintes: “se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução”, isto é mais de mineiro que de nortista metafórico ou sulista elegante. Toda vez que com esse feito mineiro coincidirem uma sensibilidade mais rara e o dom da poesia, é de esperar um humorista de grande estilo. Ora, me parece que o autor de “Balada do amor através das idades” é o primeiro caso dessa conjunção.

Sensibilidade comovida e comovente em cada linha que escreve, todavia Carlos Drummond de Andrade não abandona quase nunca essa atitude de *humour*. (BANDEIRA, 2008, p. 124)

É importante lembrarmos que na crônica publicada em *A Província*, em 25 de maio de 1930, Bandeira já ressaltava o caráter sensível de Drummond, lembrando, o título da crônica era “Um poeta mineiro de rara sensibilidade”. Essa opinião sobre Drummond viria a ser corroborada por Mário de Andrade ao comentar seu texto “A poesia em 1930”, publicado em *Aspectos da literatura brasileira*:

(...) Carlos Drummond de Andrade, tímido, é, ao mesmo tempo, inteligentíssimo e sensibilíssimo. Coisas que se contrariam com ferocidade. E desse combate toda a poesia dele é feita. Poesia sem água corrente, sem desfiar e concatenar de idéias e estados de sensibilidade, apesar de toda construída sob a gestão da inteligência. (MÁRIO DE ANDRADE, 2002, P. XLIV, In *Carlos Drummond de Andrade Poesia Completa*)

Para Bandeira Drummond era o poeta que levou vantagem sobre os seus colegas contemporâneos, visto que em 1930 chegava à cena da poesia brasileira “perfeitamente assentado e amadurecido”. Drummond já era tido na conta de grande poeta brasileiro. O seu nome freqüentava o topo da lista dos nomes dos grandes poetas da nação e de lá não sairia: “Os que tínhamos a Carlos Drummond de Andrade na conta de um dos três ou quatro maiores poetas do Brasil, andávamos impacientes por ver reunidos em livros os belos poemas que conhecíamos de revistas e jornais.” (BANDEIRA, 2008, p. 124).

Nas duas crônicas comentadas aqui é possível constatar a grande admiração que o poeta Manuel Bandeira nutria por Carlos Drummond de Andrade. Essa admiração, podemos intuir, é fruto do reconhecimento de estar diante de alguém “grande” que caminha na mesma estrada, tem a mesma visão dos fatos do mundo e do poema. O poeta “federal” sabe ser generoso, gentil e elegante com o poeta dos versos do poema “Política Literária”, publicado em *Alguma Poesia* (1930) e dedicado por Drummond a Manuel Bandeira.

O poeta do *Castelo* reconhece em Drummond a *nova poética* que se apresenta, a sua capacidade de fazer poemas “como a nódoa no brim:/fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero”². Dessa maneira construiu-se uma admiração mútua entre esses dois poetas. Quando Drummond completou 60 anos Bandeira lhe dedicou um outro poema também intitulado “Carlos Drummond de Andrade”, publicado em seu livro *Estrela da Tarde*, de 1960:

Louvo o Padre, louvo o Filho,
O Espírito Santo louvo.
Isto feito, louvo aquele
Que ora chega aos sessent’anos
E no meio de seus pares
Prima pela qualidade:
O poeta lúcido e límpido
Que é Carlos Drummond de Andrade.

Prima em Alguma Poesia,
Prima no Brejo das Almas
Prima em Rosa do Povo,
No Sentimento do Mundo.
(Lírico ou participante,
Sempre é poeta de verdade
Esse homem lépido e limpo
Que é Carlos Drummond de Andrade).

Como é o fazendeiro do ar,
O obscuro enigma dos astros
Intui, capta em claro enigma.
Claro, alto e raro. De resto
Ponteia em viola de bolso
Inteiramente à vontade
O poeta diverso e múltiplo
Que é Carlos Drummond de Andrade.

² “Nova poética”, *Belo Belo*, 1948, in *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p. 287.

Louvo o Padre, o Filho, o Espírito
Santo, e após outra Trindade
Louvo: o homem, o poeta, o amigo
Que é Carlos Drummond de Andrade.

Drummond em toda a sua sensibilidade responderia a essa homenagem, dedicando a Bandeira o delicado poema “Manuel Bandeira faz noventa anos”, publicado em *Discurso de Primavera e Algumas Sombras*, em 1977 (DRUMMOND, 2002, p. 816/818):

Oi, poeta!
Do lado de lá da moita, hem? Fazendo seus noventa anos...
E se rindo, eu aposto, dessa bobagem de contar tempo,
de colar números na veste inconsútil do tempo, o inumerável,
o vazio-repleto, o infinito onde seres e coisas
nascem, renascem, embaralham-se, trocam-se,
com intervalos de sono maior, a que, sem precisão científica, chamamos
de morte.
(...)
Noventa anos, será? Ou és menino
também e para sempre e para sempre
agora que viveste a dor da vida
e sorris no mais longe Pernambuco?

As crônicas de recepção à obra *Alguma Poesia*, em 1930, os poemas dedicados a Drummond revelam a imensa admiração nutrida por Manuel Bandeira pelos versos deste poeta, além do respeito advindo da certeza de está diante de um homem que tinha o poder de influenciá-lo na elaboração da sua poesia. Pois à “Procura da Poesia” de Drummond de *A Rosa do Povo*, de 1945, seguiu-se a “Nova Poética” de Bandeira, em 1949, e já membro da Academia Brasileira de Letras desde agosto de 1940. O mais importante nesse momento é registrar o caráter e a generosidade de Bandeira. A mesma generosidade e o tratamento amistoso que ele recebeu de Castro Menezes, transmitiu a Carlos Drummond de Andrade dando ao poeta uma das mais calorosas recepções que ele poderia receber no lançamento do seu primeiro livro. Das crônicas de Bandeira fica para os leitores a impressão da elegância deste escritor e o merecido reconhecimento da

poesia de Drummond vindo de um dos mais importantes intelectuais brasileiros do seu tempo.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia completa*. Conforme a disposição do autor. Volume único. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002.

GRANJA, Lúcia. “Manuel Bandeira e a poesia social”. *Argumento*, Revista das Faculdades de Educação Ciências e Letras e Psicologia das Faculdades Anchieta. Jundiaí-SP: Sociedade Padre Anchieta de Ensino, Ano II, número 3, janeiro de 2000.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*: em um volume. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

_____. *Testamento de Pasárgada: antologia poética*. Manuel Bandeira; organização e estudos críticos de Ivan Junqueira. - 2 ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

_____. *Crônicas inéditas I 1920-1931*. Organização, posfácio e notas: Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. *Crônicas da Província do Brasil*: Manuel Bandeira. Organização, posfácio e notas: Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BLOOM, Harold. *O Cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Tradução: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

Recebido em 20 de junho de 2008

Aprovado em 25 de julho de 2008